

**VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho.**

**O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.**

[GT 05 - Trabalho de cuidado.](#)

***Apego e Jeitos* de cuidar. Afetos, trabalho e gênero na experiência do cuidado de crianças.**

Camila Fernandes.

Mestre em Antropologia (PPGA\UFF).

Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS\MN).

***Apego e Jeitos de cuidar. Afetos, trabalho e gênero na experiência do cuidado de crianças.***

O presente artigo se volta para o cuidado de crianças e busca pensar as ideias de *jeito* e *apego* nas relações de cuidado. No contexto estudado, o cuidado não se apresenta como uma categoria opaca e livre de constrangimentos, mas como uma cartografia relacional fortemente conflituosa e moral. Com base no trabalho de campo feito em uma favela da cidade de Niterói\RJ, observo a expressão dos sentimentos e afetos em coexistência com a profissionalização de um “bom cuidado”. Emoções, normas e competências se arquitetam e produzem legitimidades entre as redes de vizinhança, parentesco, amizades e instituições. Deste contexto, retemos alguns intoleráveis, a saber, os conflitos de normas em registros de intimidade e o desconforto relativo ao cuidado feito por homens.

## ***Apego e Jeitos de cuidar. Afetos, trabalho e gênero na experiência do cuidado de crianças.***

O presente trabalho se interessa pelo cuidado de crianças enquanto relações partilhadas e transacionadas entre redes de amizade, parentesco, crianças, vizinhança e instituições.<sup>1</sup> O cuidar focado aqui se realiza no sentido do zelo, desvelo, alimentação, continuidade da vida, educação, atenção, dinheiro, objetos, expressão dos sentimentos e afetos em relação a filhos e crianças. Como categoria extremamente polissêmica, o cuidar atravessa a experiência vivida, ordinária e comensal. Envolve zonas e escalas variadas de atividades e trabalhos feitos dentro e fora das casas, bem como distintas temporalidades e territorializações entre homens, mulheres e crianças.

A antropologia da família e do parentesco descortina a existência de múltiplos laços e eixos de convívio que exprimem relações de cuidados (Carsten. 2000. 2004. Weber 2005. 2006). São os filhos de criação, de consideração, em circulação, os adotivos, os “pegos pra criar”, os dados, roubados, disputados, doados, e até mesmo, vendidos (Fonseca. 2002. Vianna. 2001). Neste contexto, muito marcado pelo gênero e pela desigualdade (Sorj. 2007. Brites. 2007. Silveira. 2011) acompanhamos inúmeras trajetórias individuais nas quais pessoas oriundas das camadas populares se constituem e se fabricam enquanto cuidadoras (es) que “ajudam” outras famílias igualmente pobres no cuidado das crianças. Tal contexto de pobreza e modernidade periférica (Souza. 2006) se apresenta ainda repleto de agências públicas de gestão e educação das minoridades, a saber, conselhos tutelares, escolas\creches públicas, ONG's socioeducativas, o que permite observar a potência e os efeitos de um cuidado dito especializado, técnico, acadêmico e/ou normativo, em coexistência com o cuidado exercido nos registros de intimidade, vizinhança, parentesco e gênero.

Diante deste contexto, uma cartografia relacional do cuidado se desdobra e exprime as ideias de *apego* e do *jeito* de cuidar. Ambas as categorias permitem apresentar dois aspectos que compõe o objetivo deste artigo: 1) Que o cuidado apresenta uma miríade de propriedades erigidas muitas vezes como contrárias e/ou impenetráveis e

---

<sup>1</sup> Esta apresentação é parte da discussão feita na ocasião da dissertação de mestrado intitulada: “*Ficar com. Parentesco, criança e gênero no cotidiano*”, orientada pelo Prof. Dout. Jair de Souza Ramos (PPGA\UFF), a quem agradeço pelo empenho e dedicação na orientação do referido trabalho. Agradeço também as generosas sugestões e críticas feitas pelas professoras Adriana Vianna (PPGAS\MN) e Simoni Lahud Guedes (PPGA\UFF) na construção da dissertação.

revela, sobretudo, a coexistência de opostos que andam lado a lado, a saber, amor e dinheiro, interesse e emoção, dádiva e mercado, trabalho e atividade, dom e técnica, intimidade e distância (Zelizer. 2006. Caillé. 1998). 2) Que o gênero do cuidado não é somente aquele que conta de um engajamento feminino distribuído de forma homogênea, de uma “dominação masculina”, ou de uma natureza feminina autoevidente (Strathern. 2006). O *jeito* de cuidar permite mostrar que se muitas mulheres cuidam, porém, “nem todas cuidam bem” e ilumina o desconforto relacional quando os homens, entre outros agentes, exercem os cuidados. O masculino aparece como um ponto de tensão e fronteira num campo marcado por interditos e intoleráveis. Tais atritos relacionais permitem desvelar conflitos de normas em registros de intimidade (Singly. 1996) e algumas das fantasias sexuais e receios relativos à entrada do masculino no cuidado. Estes dois aspectos indicam as complexidades da partilha do cuidado e permitem discutir tanto a especialização do *care* nos segmentos populares, quanto às intensidades e nuances da partilha e da entrega do cuidado aos outros.

Objetivo:

O trabalho de campo observou que o cuidar não se constitui como uma categoria opaca e abstrata, mas como uma cartografia relacional, conflituosa e emocionante: “A mãe nervosa que bate nos filhos”, a empregada que “perdeu a cabeça”, o pai que “não faz nada”, a “criança que fica sozinha em casa”, a professora que “grita e range os dentes” com as crianças na creche. Tais narrativas comportam gestos e comportamentos que estruturam critérios na fabricação de legitimidades e moralidades em torno do cuidar. Estes gestos e ações são enunciados como o *jeito* de cuidar, algo de um dom\expertise que como diria um interlocutor: “nem todas as pessoas neste mundo tem”. Estes agentes são reconhecidos nas socialidades de vizinhança, amizade, profissionais e de parentesco como pessoas que “cuidam bem” e que tem *jeito*. São pessoas com quem “se pode contar para deixar o filho” e muitas das vezes o trabalho feito não é enunciado dentro de uma perspectiva formalista, mas como uma “ajuda”. Estas pessoas possuem fama e reputação que se explicam através de uma trajetória de vida na qual o cuidar foi um prisma frequentemente lapidado e consolidado.

Além de possuir um *jeito* com crianças, estes agentes em geral são aquelas que ficam com os filhos das babás e das empregadas domésticas que saem para trabalhar nas

casas de outras famílias de classes médias. Desta maneira, realizam o trabalho do *care* em sua menor e mais baixa remuneração, em geral, recebem cerca de até 120 reais mensais. Este valor é extremamente negociável dado à proximidade e a intimidade das relações.

O cuidado dos filhos dos outros se desdobra em diversas ações; cozinhar, dar conta das roupas, aconselhar sobre um casal em vias de separação, cuidados de saúde com crianças doentes, estratégias alimentares, enfim, um conjunto de atividades que podem ser enunciadas como um “dom de cuidar”. O sentido destas relações se assemelha ao tema discutido por Zelizer no livro “The Purchase of Intimacy”, no qual a autora destaca a multiplicidade das relações de cuidado; que seriam por sua vez, relações que não se encerram em determinadas atividades, não estão facilmente circunscritas e nem claramente delimitadas entre as pessoas interessadas. Os pagamentos que circulam nestas relações de cuidados não se resumem ao dinheiro e a natureza monetária, mas conformam reciprocidades, favores, amores, trocas de objetos e\ou comida. Estes elementos se condensam na ideia do *apego*, uma potência relacional do cuidado que precisa ser controlada, no objetivo de evitar o exagero e os conflitos na partilha do cuidado. O *apego* versa sobre o domínio das relações afetivas acopladas as relações instrumentais e\ou profissionais. E demonstra que os valores acerca de um “bom cuidado” vivem em vias de batalha e disputa de consenso.

Finalmente, a partir da literatura feminista e dos trabalhos antropológicos sobre o gênero, vemos o dado de que são as mulheres as que se encontram mais engajadas nos cuidados da casa, velhos, doentes, e crianças. Contudo, o trabalho de campo indica os desafios de convivência com o *jeito* masculino de cuidar. Os atritos em torno do compartilhamento dos cuidados complexam o fato de uma “desigualdade de gênero” e apontam para os conflitos de intimidade e legitimidade desencadeados, não pela ausência dos homens, mas, sobretudo pela presença e proximidade destes nos cuidados.

#### Metodologia:

O trabalho desenvolvido parte da atividade etnográfica experienciada em uma temporada de oito meses de trabalho de campo durante o ano de 2010. Foram realizadas entrevistas abertas, semi-estruturadas, bem como conversas e diálogos derivados da

interação cotidiana no campo. A observação e interação nos espaços de convívio incluíram uma creche, uma instituição socioeducativa, casas, rua, pedaços, a favela e os itinerários fora dela. As pessoas envolvidas na pesquisa tratam-se de trabalhadores que cuidam de seus filhos através de serviços de cuidados pagos e não pagos (creches públicas, escolas, ONG's, redes de ajudas).

Resultados:

O exame das socialidades de cuidado mostra os embates entre distintos regimes de moralidades e legitimidades: de um lado, a força das redes de vizinhança, parentesco e amizade exerce um cuidado baseado em critérios e sentimentos próprios, por outro lado, os registros de cuidados institucionais desafiam os agentes em seus respectivos *jeitos* e *apegos*. É deste encontro de normas e valores que brotam desafios e disputas sobre o que significa um “bom cuidado”, sobre os impensáveis do cuidado institucional, a exemplo dos professores homens que não podem dar banho nas crianças.

As ideias de *jeito* e *apego* agregam elementos no debate relativo ao cuidado mediado pelo Mercado\Estado, uma vez que possibilitam observar a expressão dos afetos junto à profissionalização das atividades de cuidado em sua transformação e reversibilidade. Acredito que a partir deste contexto de modernidade periférica, cujo cuidado é tecido de trocas, pagamentos e serviço públicos, podemos encaminhar não apenas o debate sobre o preço do cuidado, mas, sobretudo, o de seu valor para o referido contexto, tendo em vista as discussões relativas à mercantilização e a institucionalização do cuidado.

As relações de gênero comportam os desafios do compartilhamento e do igualitarismo nas tarefas de cuidado. O cuidado masculino e o conflito de normas parecem desafiar as premissas mais femininas sobre o cuidado legítimo e daí advém os inúmeros desconfortos que atendem pelo nome do receio, da ausência, do medo, do abuso e da incombinabilidade. As perspectivas masculinas e femininas, quando jogadas umas contra as outras, indicam que o engajamento do tempo é o grande marcador da assimetria de gênero. E que mulheres e homens lutam para se apropriar de um tempo para si e do tempo do trabalho fora, em oposição ao tempo do cuidado; o tempo em que se tem em conta outrem.

Bibliografia principal:

BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores Cad. Pagu n.29 Campinas jul./dez. 2007

CAILLÉ, Alain. Nem Holismo, nem individualismo metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. Rev. bras. Ci. Soc. vol. 13 n. 38 São Paulo Oct. 1998.

CARSTEN, Janet. After Kinship. Cambridge University Press: Cambridge, 2004.  
\_\_\_\_\_. [ed.] (2000) Cultures of Relatedness: New Approaches to the Study of Kinship, Cambridge University Press, BISCSP 35801.

FONSECA, Cláudia. "Caminhos da adoção". 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVEIRA, Liane. *Como se fosse da família: a relação (in)tenso entre mães e babás/* Liane Maria Braga da Silveira – Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2011. xii. 227 f. Orientador: Gilberto Cardoso Alves Velho Tese (doutorado) – UFRJ/Museu Nacional/Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2011.

SINGLY, François et. al. (1996), *Le soi, le couple et la famille*, Paris, Nathan.

SORJ, Bila. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. Cad. Pesqui. vol.37 no.132 São Paulo Sept./Dec. 2007

STRATHERN, Marilyn. 2006. O Gênero da Dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia / Marilyn Strathern; André Villalobos, tradutor. – Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2006

SOUZA, Jessé. A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica / Jessé Souza. – Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003. (Coleção Origem). 207p.

VIANNA, Adriana. Direitos, Moralidades E Desigualdades: Considerações a partir de processos de guarda com crianças. In: Lima, Roberto Kant de. (Organizador) Antropologia e Direitos Humanos 3 – Prêmio ABA/FORD/ Roberto Kant de Lima (Organizador) — Niterói : EdUFF, 2001.

WEBER, Florence. 2005. *Le sang, le nom, le quotidien. Sociologie de la parenté pratique*. Paris, La Courneuve : Aux Lieux d'Être.

ZELIZER, Viviana. *The purchase of intimacy*. Princeton: Princeton University Press, 2006.